

R.S.I.

A trindade infernal de Jacques Lacan e a clínica psicanalítica

I

Real, Simbólico e Imaginário - o que é isso?♦

Marcus André Vieira

♦ Primeiro encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 20/08/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

Origens

Para começar este percurso com a “trindade infernal”¹ de Lacan, como ele se referiu certa vez à sua tripartição real-simbólico-imaginário, pensei em uma sequência de perguntas do incauto ideal.

Inicialmente, ele é afetado a partir de uma posição de exterioridade com relação ao sintoma: você pode me livrar de meu sintoma? De quê sou afetado?

Mas ele pode passar a se perguntar sobre a parte que lhe cabe em seu sofrimento: Por que sou afetado assim? Em que meu jeito de ser ajuda ou atrapalha no que me afeta?

Finalmente, ele passa a ter a si mesmo como objeto: O que é este meu jeito? Posso ser outro?

Como se vê, a experiência analítica tende a se desenrolar como uma busca das origens. E essa tendência é não só aceita como buscada pelo analista. Em uma análise - ainda que seja óbvio, vale a pena dizê-lo - assume-se que o sintoma diz algo da natureza do sujeito em questão. É por isso, mais do que por qualquer outra razão, que a pesquisa em direção à origem do sintoma tende a levar à busca da origem de si. Uma análise não começa sem isso, as entrevistas podem, inclusive, durar muito tempo antes que passe de uma busca à outra.

Essa virada imprescindível, do sintoma como signo de doença ao sintoma como sinal de uma suposta essência, foi levada, às vezes, ao exagero, chegando a um descaso com o sintoma-sofrimento. A psicanálise, nesse sentido perigoso, apresentava-se como uma experiência de autoconhecimento desvinculada do sintoma, sem compromisso com qualquer melhora. Até mesmo uma relativa piora podia ser suportada por um tempo, tomada como uma dificuldade, um desvio no caminho para a verdade. O “não-estou-nem-aí-para-seu-sofrimento” é, porém, demais e possibilitou caricaturas do tipo: “não mudei nada, mas agora assumo”.

Mas, de fato, ao mirar outra coisa que não apenas o sintoma patente, encontra-se muito mais do que apenas uma doença. Mais importante, o contexto muda inteiramente. A origem recua, podendo retroceder indefinidamente sem que se saiba onde parar: quando tudo começou? No entanto, como a situação analítica é feita apenas de narrativas, chegamos necessariamente aos confins do dizível. Nessa área-limite, flertamos com um impossível. Para que algo articulado sobre mim pudesse ser subjetivado, assumido por mim, foi preciso que algum gozo original se perdesse, algum indizível se perdesse na passagem para o dito.

Retrocedemos até o ponto em que o Eu, nascente, se apreende em uma quase desaparecimento. Mas ainda há alguém, alguma presença que assinala o indefinível ponto em que ainda não sou eu que vive a história, mas que ali está de alguma forma, quase como quem assiste, ou sofre, as marcas dos tratos do Outro. Elas serão, posteriormente, assumidas, vividas no carinho, na violência, mas em um segundo tempo, quando deixamos de ser essa criança, alguém que inteiramente vive o que quer que seja, mas que não tem como subjetivá-lo.

Como lidar com essa criança perdida em nós que insiste em trazer histórias de antes de nossa história? Freud oscila: tanto fala de cenas traumáticas, vividas ou fantasiadas pela criança que fomos, quanto de traumas ancestrais, que parecem dar corpo a vivências de outra era, de uma pré-história subjetiva.

O importante é marcar que este real na psicanálise não é o inefável silêncio, ele não para de falar sem, no entanto, dizer a última palavra, sem nunca dizer-se integralmente. Essa coisa primeira, não é apenas perdida, pois ela está ali e fala, mas

ela fala a língua do desamparo, de algo perdido do qual nos dão notícia as fantasias primordiais ou as cenas primárias.

Pois bem, segundo Lacan, elas não poderão ser apreendidas por um dualismo qualquer que seja. Oposições entre corpo e alma, razão e emoção, por exemplo, ou mesmo significante e pulsão, nos dão o sentimento de que chegamos mais perto, mas não bastam. Como tomar a criança arcaica como uma pulsão fora da linguagem sem decretar que a psicanálise, experiência de fala, não poderá atingi-la sem tornar-se a revelação de uma transcendência silenciosa. Assumir a castração, como dizemos, como um além do dizível sobre o qual só podemos calar, só serve para fazer a psicanálise depor armas diante do inefável e flertar com o místico.

Nossa singularidade não é apenas desamparada, não é apenas um que sofre os martírios impostos por um outro, ela não é nem mesmo a expressão de uma luta entre ele e nós, ou entre corpo e alma, ou entre o macaco e o homem. Ela se apresenta a nós como estilhaçada em vários fragmentos ao mesmo tempo, nunca em um só nos quais “eu” é apenas um deles.

Por isso a psicanálise é múltipla. Quando chega perto dos confins encontra não uma, mas várias crianças, e não apenas elas, mas a mãe, o pai e muitos outros. Dessa falta primeira, este grau zero do ser, de que Freud faz a mãe, mas também um pai primevo, orangotango, Lacan faz um objeto, o objeto *a*. Esse objeto, que já comparei a um frango na corrida,² não pode ser apreendido pelo Um, por uma teoria unificada que se constitua em sistema.

Essa multiplicidade é essencial, intrínseca ao dispositivo inventado por Freud. Ela não é efeito da Babel psicanalítica de mil teorias e variedade de práticas, ela é a causa. Da fragmentação interna da clínica psicanalítica brota a fragmentação de uma política cheia de tribos e instituições, de um saber pluralizado ao infinito, e de uma clínica cujos limites são sempre ainda por definir.

Esta fragmentação interna diz respeito ao próprio objeto de uma análise. É ele que se apresenta diferente a cada vez. Digamos que ele seja o que de mais singular pode ser posto em palavras. Com essa simples definição, vê-se como o paradoxo de algo indizível que passa ao dito exige que esse dito não diga tudo ou, como diz Lacan, “a verdade pode sair do poço, mas sempre a meio-corpo”.³ Depreende-se daí que não se poderá dizer a verdade da verdade, única e universal. Isso é geral e também válido para cada experiência particular de análise. Encontramos a certeza de que tocamos no essencial, ao mesmo tempo sabendo que para transmiti-lo perderemos muito. É o que faz ser tão decepcionante a demonstração, para um amigo fora do discurso analítico, das descobertas da análise.

Um, dois, três

Para transmitir o modo de lidar com essas coisas primeiras sem reduzi-las, Freud recorre a vários esquemas complexos e à fragmentações do aparato psíquico, as duas mais famosas, das primeira e segunda tópicas, são tripartites: Ics, Pcs, Cs, e eu, isso e supereu.⁴ Lacan resolveu articular isso tudo com seu R.S.I.. Ele inventou sua “trindade infernal” para impedir que encontremos na origem o Um. Nesta, estará o três.

Lacan nunca explicou de onde tirou R.S.I., não fez o histórico de sua invenção. Apenas ministrou uma conferência de final de ano chamada “O simbólico, o imaginário e o real”.⁵ No ano seguinte recomeçou seu Seminário, agora não mais em seu consultório, mas em Sainte-Anne, o grande hospital psiquiátrico de Paris, já usando a

tríade à vontade. No meio do ano apresentou um relatório no congresso da IPA que ficou conhecido como “Função e Campo...”,⁶ uma espécie de texto fundador do Lacanismo.

Desse modo, seu ensino, como algo original, foi lançado nesse período e, de certa forma, nasceu junto com R.S.I. No entanto, esta conferência, que é o máximo que temos de introdução, não apresenta, contextualiza, não introduz, no sentido de explicitar as origens. É como se sempre houvesse existido. Ele já parte de sua tríade como de um fato.

Muito mais tarde, em 72-73, ele dedica um ano de Seminário ao tema. Neste seminário, R.S.I., encontraremos, não origens, mas definições que nunca tinham sido dadas. Definições mais topológicas, que se valem de anéis e laços, que são muito precisas e rigorosas. São elas que darão o norte do trabalho aqui.

Antes disso, porém, é preciso destacar ao menos uma razão para que R.S.I. seja deixado sem muitas explicações. A insistência de Lacan em fazer dessa forma sugere que tinha que ser assim mesmo. De fato, sempre se pode mostrar o contexto de onde surgiu uma invenção, mas, como é próprio da invenção, o contexto não a esgota. A história, para Lacan é sempre um modo de buscar Um sentido, por isso a grafa com o “y” da *hysterie* em francês.

A psicanálise é uma pesquisa das origens que faz com que nos percamos. O que há na origem? A resposta de Lacan com o R.S.I. seria: seja o que for, não será nunca o Um só, nem de Um às voltas com Outro. Não se sabe o que está na origem do problema de cada um ou na origem de cada um, mas não será uma coisa só, será no mínimo três.

Para entender é só pensar o que é quando temos o Um. Ou seja, uma coisa causou o resto. Qualquer coisa que se coloque nesse lugar, o sexual, o genital, o desejo do Outro, a genética, o contexto social, familiar... Enfim, se houver um elemento primeiro do qual tudo se engendre, encontramos Deus. Esse, aliás, é o problema do evolucionismo: se estamos indo para frente, o que nos impulsiona? Por isso, Lacan afirma no *Seminário 7* que o único modo de sair da teologia é pela criação ex-nihilo.⁷ Ou bem tudo é como é porque sim e desde sempre, ou bem as coisas evoluíram a partir de um desejo original, que só pode ser de Deus. Toda teleologia é sempre teologia.

O mesmo vale para a busca de Freud. Se o trauma, como acontecimento datado, fosse aquilo que explica tudo, e se o trauma é obra do desejo de alguém, estaremos sempre em busca do desejo original puro de antes.

Aqui existe a opção de encontrarmos o Dois. De fato, às vezes Freud parece se encaixar no Dois. Em vez de encontrarmos um desejo perverso, ou uma pureza original, encontraremos um conflito entre os dois. A linguagem da ternura e a da paixão de Ferenczi, por exemplo. O Dois mais comum é a diferença entre corpo e alma, em seus correspondentes atuais, o orgânico e o psíquico. São duas substâncias inteiramente distintas e no conflito entre elas tudo se engendra.

Há algo teológico quando penso que só vou encontrar Um lá trás. O dualismo tenta fugir disso, mas apesar disso, o Um insiste: Quem vem primeiro o corpo ou a alma?

Parecemos estar bem *up to date*, pois estamos em tempos de um monismo neuronal que afirma a inutilidade do debate corpo-alma. Para ele tudo tem base orgânica, não há a mente em si. Este seria apenas uma epifenômeno do cérebro, esse

sim, o real mais verdadeiro. No entanto, isso é retornar para o Um. Se essa explicação é uma, ou seja, está no lugar daquilo que tudo explica, então ela tem uma potência para além do objetivável. É isso que chamamos de Deus, que hoje em dia é o neurônio, ou melhor, o neurônio esconde a fé cega na ciência de nossos tempos profundamente obscurantistas.

Desse ponto de vista radical quase tudo é teologia. É o ponto de vista de Lacan, quando no *O Seminário, livro 22: R.S.I.* afirma que sua “trindade infernal se opõe a qualquer teologia”.⁸ Se for o corpo, temos monismo neuronal. Se for a alma, vamos para o monismo divino; mas no fundo tudo isso é Deus para Lacan. O que Lacan propõe ao analista é que ele não conduza o tratamento tendo no horizonte uma Unidade final, nem mesmo a ideia de uma unidade original, mas sim se orientar sempre contando três.

Quem está conduzindo a experiência não precisa acreditar que há um sentido no fundo a ser encontrado. Essa aposta tende a infinitizar a experiência, posto que sempre pode se encontrar um sentido a mais... A presença fundamental na minha vida era o colo da minha mãe, mas talvez a minha mãe ao ficar no colo da minha avó tenha aprendido como fazer. Entra-se, assim, na história familiar e segue-se adiante, sendo possível continuar essa investigação até mesmo para o antes de nascer, chegando-se às vidas passadas.

O Um, do lado do analista, teologiza a experiência. E o Dois nos lança na briga entre um e outro, na briga entre Deus e o demônio e na busca de uma supremacia ou equilíbrio, trazendo à cena o ideal de uma harmonização entre os dois como a construção da Unidade perdida, tal como no mito de Aristófanes-Platão.⁹

Pode-se argumentar que nada garante que com três não se infinitize também. Nós lacanianos somos muito teólogos do real como vazio primordial, não é? Nosso real muitas vezes é tomado como o Um primordial, o que faria Lacan revirar-se no túmulo. O real, tomado como Nada na origem, constitui uma teologia negativa, crítica, por exemplo, feita por Alain Badiou, falando da metafísica da Presença.¹⁰ É essa presença que buscamos definir no semestre passado, ou seja, a presença do Outro de forma maciça, absoluta, anterior. Lacan escapa da metafísica ao fazer dessa presença um objeto.

De todo modo, temos uma tendência espontânea a esbarrar na teologia negativa. O Três de Lacan a dificulta, mas não a torna impossível. Como escapar? Para começar, teremos que levar a sério a ideia de considerar que elas são três coisas completamente diferentes entre si. Ou seja, não são três irmãos, pois estes teriam em comum o pai que seria o Um anterior. Se eles tiverem algum elemento em comum, alguma origem, posso sempre supor algum Um comum. E é por isso que foram deixados sem explicação.

Esse seria o motivo porque Lacan não se dedica a história desses três. Se são três irreduzíveis a um, se não há nenhuma afinidade entre eles, nem dois a dois, então não há Uma história a fazer. Podem-se fazer oposições entre eles, mas elas serão locais, pois como premissa não há nada comum. Milner o sintetiza dizendo “O Imaginário só se imagina a partir do imaginário, o simbólico só se simboliza a partir do simbólico e só se realiza a partir do real”.¹¹

R.S.I. é a proposta de Lacan para trabalharmos numa experiência que mexe com a confusão das origens e onde nada é muito claro, ainda que muito emocionante. Distinguem-se três coisas nessa experiência que vão organizar a experiência que não

pode se reduzir a Um, nem a Dois. Segundo Lacan, se não supusermos esses três registros, o que Freud falou se perde, já que a invenção freudiana é tão revolucionária que qualquer lida com essa experiência dual cai no corpo *versus* alma, ou numa teologia do negativo ou do positivo, como quiserem.

Isso se justifica, dizemos rápido, no fato de que o trauma não tem pé nem cabeça, como nos diz Lacan no *Seminário 11* ao falar das construções.¹² Freud, por exemplo, pega elementos dispersos e não organiza. Em vez disso, propõe construções sem pé nem cabeça, porque não se orientam por nenhum princípio de unidade.

Não é uma arquitetura, ainda que seja essa a metáfora freudiana, mais, no dito de Lacan, uma colagem surrealista, como a cena do homem dos lobos que vê os pais transando através da barra do berço. Ela reúne várias coisas que são completamente heterogêneas entre si para aquele sujeito, e ela faz dessas coisas uma coisa só. Porém essa montagem não responde a algum princípio de unidade e, por isso, é sem pé nem cabeça. O sujeito pode se apropriar daquela coisa e usar, mas não se pode dizer que, a partir dela, ele entenda o princípio de tudo. Não! É algo acidental que, contudo, se mantém junto. Sai-se da análise com um monte de coisas espalhadas, mas tendo com elas um novo modo de fazer. Faz-se uma “limpeza” e a sobra é amarrada. “Tentem imaginar um dínamo acoplado numa tomada de gás de onde sai uma pena de pavão que vem fazer cócegas na barriga de uma bela mulher que está lá só pela beleza da cena”.¹³

Três deslocamentos

Isso posto, é bom lembrar que a vida não segue os princípios de Lacan. R.S.I. não existem na natureza. Esses registros são ferramentas. Ao passo que, se acreditamos que estão no mundo talvez nos atrapalhem. É isso que Lacan faz na primeira lição do Seminário 24 onde diz algo como “R.S.I. só existem, porque existe Jacques Lacan”.¹⁴

De fato, quando começamos a usar a tripartição de Lacan, ela ajuda tanto, funciona a tal ponto que tendemos a naturalizá-la. Assumimos que é assim e muito bem, nada de explicações e busca das origens dessa tripartição. No entanto, isso não pode significar que elas serão tomadas como categorias transcendentais da experiência, de toda e qualquer experiência.

Na experiência analítica, onde basicamente se narra e que, por conta disso, se encontram elementos muito originais e pesados, R.S.I. auxilia muito. Se tudo é contado, como se consegue fazer diferença entre uma coisa e outra? Na vida, a diferença entre a realidade e a fantasia é quase imediata. Porém, o real na psicanálise não é isso, pois alguém que me fala de uma mesa e me fala de uma cadeira... Qual das duas é real? Na vida, a cadeira de que se fala é diferente daquela em que se senta: uma é imaginária no sentido de imaginação, conceito, e a outra é real no sentido de realidade.

Na análise, isso fica bem mais complicado e o deslocamento empreendido por Lacan em cada um desses termos com relação a seu sentido comum é feito para que eles nos sirvam nessa realidade semivirtual da psicanálise. Resumidamente, o imaginário não será imaginação, o simbólico não será simbolismo e o real não será realidade. Vejamos cada um.

A base para essa leitura são as definições de R.S.I. feitas por Lacan em seu seminário de 1972, *RSI*: O imaginário é consistência, o Simbólico é o furo e o Real a ex-

sistência. Iremos desenvolver posteriormente essa nomenclatura, ficando aqui registrada, pela clareza de Lacan, uma passagem: “O caráter fundamental dessa utilização do nó é ilustrar a triplicidade que resulta de uma consistência que só é afetada pelo imaginário, de um furo como fundamental proveniente do simbólico e de uma ex-sistência que, por sua vez, pertence ao real e é inclusive sua característica fundamental”¹⁵.

Nosso ponto de partida, será, porém, a conferência *SIR*, de 52, pois nela está o frescor e um léxico ainda de virada, mais universal do que os conceitos que se consolidarão mais adiante. Todo nosso próximo encontro será em torno dessa conferência, mas já podemos assinalar os três deslocamentos que Lacan empreende, já neste momento inicial do seu ensino em nossas noções de simbólico, imaginário e real, para cunhar seus registros.

O imaginário não é imaginação.

Se assim não fosse, tudo na situação analítica seria imaginação nesse sentido amplo e de nada adiantaria usar o termo. O imaginário, ao contrário, vai se definir como tudo aquilo que faz corpo, que faz um, que eu vejo começo, meio e fim, que não é nebuloso, manchado ou confuso. Não é tanto o fato de ser uma imagem, apesar delas geralmente serem assim. Na análise, tudo que for nítido e fizer sentido é corpo e, conseqüentemente, imaginário.

Assim definido, fica claro que a ideia de Lacan era de que a análise não trabalha com o imaginário. O que Freud inventou tem como ferramenta fundamental uma manipulação do simbólico e não do imaginário, e é por isso que a diferença entre simbólico e imaginário é tão cara a Lacan. Na Conferência ele diz que, não é porque uma análise encontra o imaginário que o imaginário se confunde com ela: “... o imaginário está longe de se confundir com o campo do analisável”.¹⁶

O exemplo mais imediato é o sonho, pois quando ele está “redondinho” não é um bom sonho para a análise. É aquele que as pessoas gostam de contar, e a análise vai sempre procurar o lado bagunçado dele. Coisas que não encaixam.

Freud, em correspondência a Jung, citado por Regnault,¹⁷ o alerta para esse fato. Podemos dizer que Jung desvia-se para o imaginário. Daquilo que a pessoa traz como fragmentado, ele a conduz a acreditar que existe uma ordem maior, um arquétipo fundamental que tem começo meio e fim, ou seja, é entendido, faz sentido. Isso tem um efeito terapêutico enorme. Mas, Freud se opõe a ficar nisso, ele insiste na interpretação que “consiste em não tomar toda fachada para interpretá-la, como em uma alegoria, mas em se restringir ao conteúdo, perseguindo a gênese dos elementos e não se deixar levar pelo erro dos remanejamentos, condensações...”¹⁸

Freud diz isso repetidamente na Interpretação dos sonhos.¹⁹ Não tome a elaboração secundária porque ela é secundária. A história arrumada é posterior. Os traços, matéria prima do sonho, que são importantes. Jung estava indo no sentido oposto.

O simbólico não é o simbolismo

A partir daí, Lacan passa na mesma conferência, a definir o que seria então o material próprio de uma análise da seguinte maneira: “um fenômeno só é analisável caso represente outra coisa além de si próprio”.

Se num sonho vê-se uma mãe que representa uma mãe, isso não é analisável. Se eu sonho com minha mãe e pode ser minha tia, isso já pode servir. É uma orientação técnica muito precisa. Posteriormente, Lacan a aprimorou ao refinar a definição de simbólico, mas já é fundamental...

O imaginário, não é só porque ele não é nossa massa de manobra, que ele seja pouca coisa, afinal ocupa a grande parte de uma sessão analítica.

E o que é isso que “vale por outra coisa”? É preciso perceber, para começar, o que a afirmação de Lacan significa. Para que alguma coisa valha por outra é preciso que ela preencha ao menos um requisito, ela deve necessariamente perder seu valor próprio. É o fundamento da teoria do significante de Lacan. Pois bem, a psicanálise nasce quando os detalhes organizam o essencial do relato, mais do que as figuras centrais. Para nós, são os pequenos traços que guardam a singularidade. Certo, -sou o que vejo de mim, minha imagem: quanto melhor acabado, melhor sou. Porém, se perguntarmos a qualquer modelo de revista, ela vai dizer o quanto ela não se sente ela mesma naquele retrato acabado. Quando a mulher está muito perfeita, menos se sente ela própria. A singularidade existe no detalhe que compõe no retrato alguma marca.

O simbólico não reside no fato de que o charuto seja, por exemplo, um símbolo fálico. Esse seria o simbolismo de Jung: sonhar com o trono do imperador corresponderia a sonhar com o pai. Isso é o que Lacan chamaria de imaginário. Não é uma coisa por outro, mas algo que tem alguma afinidade com o que representa, a forma do charuto, por exemplo. Então não é ocupar o lugar de algo que não é exatamente ele mesmo, como no caso do charuto, mas sim ocupar o lugar de alguma coisa que nada tem a ver com ele. Ser outra coisa que não ele, para caracterizar o que aqui chama de símbolo e mais adiante chamará de significante, é isso.

A fala e a linguagem têm propriedades muito especiais: a ambiguidade, por exemplo. Mas que se entenda, a ambiguidade não é apenas o fato de uma palavra dizer várias coisas. Não é apenas outro sentido que ela carrega além de seu sentido original, tal como a palavra “pena”, que em português remete a três sentidos. Não. É o fato de que há mais de um sentido e outros ainda possíveis em potencial. Por exemplo, chumbo, fala do metal, mas também do peso de uma nuvem carregada, prestes abrir um temporal, e muitas outras coisas que posso descobrir utilizando a metáfora. A condição para isso é que quando eu use a palavra chumbo ela não seja nem cinza nem pesada. É o que espanta as crianças quando começam a escrever. Cismam, por exemplo, em escrever a palavra “trrrreeemmm” assim, grande, por não aceitarem que uma coisa tão gigante seja dita em uma palavra tão pequenina.

As palavras são fragmentos, pedaços, poesias que caem do Outro. Eles começam a se montar e articular e introduzem, até, um discurso articulado, mas em si não dizem nada. Vejam o termo “soldado”. Se sonho com um soldado como uma ideia muito fixa, o sonho não é tão interessante. Porém, se sonho com um soldado jogando *dados* e um *sol* brilhando e a partir disso se vai para outro lugar, temos algo interessante por conta dos pedaços de palavras. É assim que funciona o sonho em Freud, como se fosse uma carta enigmática, um *rébus* como indica Lacan. Estes elementos não valem por seu sentido em si, mas pela articulação entre eles e, nessa articulação, seu sentido original desaparece. Quando um sol e um dado se unem para significar soldado, ambos os sentidos desaparecem. É essa alquimia básica da linguagem que o sonho está revertendo para criar sua carta enigmática.

Esse é todo o ensino de Lacan nos primeiros tempos. A essência do simbólico, do significante, não é que ele seja palavra, e sim uma marca. *Made in Germany* não é nada, é só um carimbo. Esse carimbo faz com que essa coisa seja da Alemanha e não de outro lugar. Estaria aí o simbólico para Lacan.

É o que, em varias ocasiões, ele destaca a partir da referência de Freud ao termo *schibboleth*, da anedota dos judeus que não conseguiam pronunciar exatamente como os outros o termo e que, nisso se distinguiam, algo que foi retomado em outro plano recentemente por Quentin Tarantino em uma cena antológica de *Bastardos Inglórios*.²⁰ É o que Lacan já assinala nesta conferência com a referência à “senha”.²¹ Aquela marca que se tem e que nos distingue de todos os outros, mas que em si não tem sentido – a propriedade maior do simbólico é essa: marcar e diferenciar. Ou seja, ele cria e opera diferenças. O imaginário não sustenta diferenças. Quando falamos “uma coisa é uma coisa outra coisa é outra coisa”, isso é imaginário: pão-pão queijo-queijo. Mas e o pão de queijo? Os sentidos combinam, pluralizam-se... E na selva dos sentidos nunca é possível ter certeza de que uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra. Para que seja assim precisa-se de uma marca. “Forno de minas”, por exemplo, define que aquilo é aquilo por mais que o sabor varie. Somos do totem da tartaruga, somos tartaruga todos.²² Não quer dizer que no real sejamos tartarugas.

Não é o real que define, por exemplo, a paternidade. O DNA é uma marca distintiva que só vale pelo valor simbólico dado à técnica científica em nossa cultura. Não é porque o cientista é dono do sentido da paternidade. É porque se supõe que ele saiba ler o real. Só o simbólico define.

O Real não é a realidade

E o real? Lacan nos dá duas definições célebres.

A primeira: o real é aquilo que surpreende. A análise encontra o real, segundo Lacan, como surpresa ou como trauma.²³ Quando algo surpreendente se escuta do paciente sabemos que ali há real. Não poderemos fazer muito com isso se não houver o simbólico para fixá-lo e o imaginário para lhe dar um lugar no laço e no sentido compartilhado, mas ele está ali.

Se alguém fala: “sonhei com um trono, eu que surpreendentemente nunca pensei nisso”, um dicionário de símbolos poderia dizer-lhe, um trono significa riqueza. A surpresa se foi. O real já foi englobado. Em outros termos: aquilo que vem do inconsciente, uma vez tornado consciente, desaparece como surpresa. Por isso, há todo um dispositivo para que se possa capturar pedaços de simbólico que vão se manter ainda surpreendentes, ainda com um pé no real, sem necessariamente serem mergulhados no sentido. Como afirma Miller: “Na análise entra-se nas palavras pelo lado do sentido para fazê-las tocar no real”.²⁴

Na Conferência que estamos lendo, Lacan não fala do real. Deixa no ar. Talvez por estar interessado em fazer a diferença entre simbólico e imaginário. Em 1977, ele nos fala do real como surpresa e, em 1974, como aquilo que volta sempre no mesmo lugar. Essas duas definições, postas assim, opõem-se. Entendemos o real como surpresa ou contingência. Porém, uma definição parece opor-se à primeira. Como aquilo que volta sempre no mesmo lugar é o real? O real não é só o que surpreende, porque se fosse apenas a contingência, ele, por definição, desapareceria, ali mesmo, no momento em que se está falando.

A análise começa pela surpresa e termina com a repetição. Uma surpresa, por definição, não dura e, se quero produzir algum efeito no real, e ele é apenas uma coisa que foge, não vou poder produzir tal efeito.

O tratamento do trauma hoje consiste em dizer que ele é resultado de uma contingência, logo, não se tem nada a ver com isso. Assim sendo ele volta, e o faz sempre no mesmo lugar. Na análise isso está presente desde o início.

Miller faz uma oposição entre uma análise que começa e uma análise que se prolonga. A análise que começa é cheia de surpresas, e depois de um tempo, você começa a encontrar, sempre no mesmo lugar, o real. Não vai ser mais a surpresa que vai resolver, e sim, fazer algo com esse real que surge incessantemente no mesmo lugar. Aí o trabalho passa a ser mais de construção de uma saída em vez de descoberta. É como se a análise tivesse dois tempos. Essa definição do real que retorna, coincide, até, com a vida cotidiana. O real em análise deve, segundo Lacan, ser relacionado nem tanto a se perder em uma casa às escuras, mas sim quando se bate com a cabeça na parede por faltar a planta. E mais ainda: por se perceber que, nestas condições, por incrível que pareça acabo batendo com a cabeça sempre mais ou menos na mesma parede, apesar das várias tentativas de evita-la. É o que vamos tentar verificar nestes encontros.²⁵

¹ Lacan, J. (1974/75) *O Seminário, livro 22: R.S.I.*, lição de 18 de fevereiro de 1975 (inédito).

² Cf. *Restos – uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2008, p. 5.

³ Lacan, J. (1966) “O seminário sobre a carta roubada”, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁴ Primeira tópica freudiana a partir de 1900 com “*A interpretação dos sonhos*”; Segunda tópica freudiana, a partir de 1920 com “*Além do princípio de prazer*”.

⁵ Lacan, J. (1953) “O simbólico, o imaginário e o real”, *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005.

⁶ Lacan, J. (1953) “Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise”, *Escritos*. Rio de Janeiro: JZE, 1998.

⁷ Lacan, J. (1960) *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro, JZE, 1988, p. 145 e seguintes.

⁸ Lacan, J. (1974-75) *O seminário, livro 22: R.S.I.*, Lição de 18 de fevereiro de 1975 (inédito.)

⁹ Cf. Platão. *O banquete*. L&PM Pocket, 2009.

¹⁰ Badiou, A. *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1995, p. 32.

¹¹ Milner, J. C. “*Os nomes indistintos*”. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006, p. 8.

¹² Lacan, J. (1964) *O Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE, 1998, p. 161.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ “A extensão de « Lacan » ao Simbólico, o Imaginário e ao Real é o que torna possível a estes três termos consistir”, Lacan, J. (1976/77) *O Seminário, livro 24: L'Insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*., (inédito), lição de 16/11/1976.

¹⁵ Lacan, J. (1976) *O Seminário, livro 23 – O Sinthoma*, Rio de Janeiro, JZE, 2007, p. 36.

¹⁶ Lacan, J. (1953) “O simbólico, o imaginário e o real”, *op. cit.* p. 21.

¹⁷ Regnault, F. “Freud anti-alegorista”, *Em torno do Vazio*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

¹⁸ *Idem.* p. 96.

¹⁹ Freud, S. (1987d). *A interpretação dos sonhos* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 4, 5). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1900).

²⁰ Lacan cita o original alemão do “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” onde Freud diz que o complexo de Édipo é o *Schiboleth* da Psicanálise, porém a tradução brasileira não o registra assim, o traduz por “traço distintivo” – Freud (1905b/ 1966, p. 124).

²¹ Lacan, J. (1953) *O simbólico, o imaginário e o real*. Em: Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: JZE, 2005 pag. 24.

²² Cf. Freud, S. (1987g). *Totem e tabu* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 13). Rio Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1913[1912]).

²³ Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

²⁴ Miller, J. “A formação do analista”, *Opção lacaniana n. 37*, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27.

²⁵ Cf. A direção do tratamento e os princípios de seu poder, *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, parte III. Como se vê, estou tentando instalar uma continuidade onde poderia ser entendida uma descontinuidade. Nós estamos numa experiência que se desenrola numa espécie de infinidade. Estamos em cheio no finalíssimo Lacan. Quando se chega a dado ponto em que não se anda para cá nem pra lá, precisaremos, então, construir algo. Neuróticos que somos padecemos do Um. Acreditamos no Um original e até por isso mesmo o tememos. Por isso que o obsessivo, por exemplo, quer ser o número um, para justamente fugir do Um verdadeiro, o pai:

'Quero ser o numero um, pois ai eu vou finalmente poder deixar o pai para trás'. A histérica talvez fosse diferente. Quer encontrar o número um, o Pai potente, ou o príncipe. Mas nenhum homem está à altura, e ela está lutando para esconder o fracasso desse grande homem. O Outro primordial do obsessivo é o Um todo poderoso, e o Outro primordial da histérica é o Um impotente. Na paranoia, faz-se um postulado, uma metáfora delirante que produz uma certeza delirante e, em torno desse sentido maciço, reconstrói-se o universo inteiro. O delírio é filho do Um, que só se sustenta pelo imaginário. O delírio é a construção de um cosmos unitário. Quando Lacan fala do R.S.I. no final, ele faz a teoria da esquizofrenia e não da paranóia. A esquizofrenia não é uma montagem unitária e sim um tipo de construção.